

DEPOIMENTO

O problema da documentação perante a ciência e a técnica

JOAQUIM SALGADO

Engenheiro mecânico (IST)

Todos os investigadores, engenheiros, industriais ou técnicos cultivados, desejam estar ao corrente dos progressos realizados no Mundo, principalmente no que se refere à sua profissão, acessoriamente nos domínios anexos e muitas vezes na técnica e na ciência em geral.

Está fora das possibilidades humanas ler e sobretudo assimilar mais que uma quantidade limitada de literatura. Por falta de organização, a informação é defeituosa. Foi para facilitar a informação que a documentação, como disciplina particular, foi criada.

Todos temos necessidade de uma actualização tão frequente quanto possível do «sector» da ciência ou da técnica de que nos ocupamos. Dificilmente podemos fazê-lo pela leitura das revistas que, por falta de uma disciplina livremente consentida, são publicadas com uma desordem alarmante. Muitas vezes, o interessado não faz mais que passá-las pela vista remetendo para mais tarde a sua leitura aprofundada que finalmente nunca mais se faz. E, se agora, o homem de ciência e o técnico chegam dificilmente a orientar-se na bibliografia, que sucederá dentro de vinte ou mais anos? Existe uma lacuna entre a investigação e a aplicação que deve ser preenchida para que a primeira ganhe em eficácia. A documentação deveria ser esse traço de união mas, tal como geralmente é concebida, na maior parte dos casos ela é só uma arrumação para a arquivar e a indexação de documentos. O interessado deve ter por onde ler tudo, o que é um trabalho esmagador quando se considera a multidão das línguas, os duplos empregos, etc.

O que sucede então é que o interessado desiste.

Pode-se tentar distinguir certas necessidades próprias da informação que são realmente necessidades ligadas à organização do Mundo moderno. São a cultura especializada, a cultura prática, o esclarecimento e a cultura geral.

A *cultura especializada* é uma preparação para o trabalho. Ela compreende o ensino, o tratado de especialidade e o *tratado de actualização* ou reciclagem. Este último muito pouco espalhado, infelizmente, deve ser o tratado de carácter exaustivo em que o autor ou o grupo de autores tenta fazer o balanço dos conhecimentos actuais e reconhecidos a fim de evitar aos outros as perdas de tempo, os erros e os duplos empregos.

A *cultura prática* serve para pôr ao alcance dos práticos resultados da investigação. As obras de cultura prática podem empregar processos aparentados com a pedagogia e a publicidade. O tipo «instruir distraído» é um exemplo do género, que deve variar segundo o nível intelectual do público que se pretende atingir. A cultura prática pode compreender o panfleto ou prospecto técnico e até mesmo o cartaz.

O *esclarecimento* é uma parte não desprezável da informação do especialista: fórmula, constante, característica, até mesmo endereço. Apela então para os formulários, catálogos e manuais. Mas o esclarecimento

escrito não é o único, o *escritório de informações técnicas* é um meio de acesso à documentação que pode utilizar os processos de ligação rápida como seja o telefone. Porém o mais difícil é conseguir que o interessado apresente claramente o seu problema.

A *cultura geral* é objecto de publicações destinadas a esclarecer os especialistas dos outros ramos. É aqui que entram as revistas e as obras não especializadas mais ou menos próximas da divulgação.

A *publicação escrita* é a parte principal da difusão técnica ficando como testemunha durável do pensamento. A maioria das publicações escritas é constituída por curtas memórias e artigos de revistas. São documentos curtos, fáceis de escrever. O autor, senhor do seu assunto, sente-se feliz em dar a conhecer as suas descobertas, alguns mesmo não resistindo à tentação de fazer várias vezes a publicação para aumentar o seu público. Por outro lado, algumas revistas «insistem» com os autores que nem sempre se negam ao convite. Os números especiais são pretexto para publicidade justificada aparente, por alguns artigos de «vedetas» no assunto. Isto faz com que papel, trabalho, tempo sejam perdidos.

A imprensa técnica deve defender-se contra esta tendência jornalística que multiplica as revistas e as páginas sem no entanto aumentar a substância da informação.

Cada revista devia definir os limites da sua especialidade e cada autor deveria limitar o envio dos seus trabalhos a uma única revista especializada.

Quanto às revistas de grande difusão, revistas de cultura mais ou menos geral, devia deixar-se o cuidado de nelas escrever, aos profissionais jornalistas técnicos que se fariam melhor compreender pelo público do que os «sábios».

Parece que o futuro deve conduzir a uma modificação progressiva e fatal dos processos clássicos de informação. O livro do prático deverá ser o manual ou o tratado de síntese. Em complemento, a revista especializada mantém-no actualizado dia a dia.

O investigador terá tratados exaustivos e neles escreverá. A documentação por fichas sendo deixada ao escritor, os centros de informação tornar-se-ão máquinas de cartões perfurados e as revistas bibliográficas serão publicações de carácter geral assemelhando-se mais a «digests» do que às fórmulas actuais. Deve assistir-se a uma multiplicação das revistas de cultura geral redigidas por profissionais da literatura científica.

Tudo isto está somente em potência mas já iniciado. O mundo espantoso da técnica exige que aceitemos estas novas disciplinas de forma tal que possamos legar os nossos trabalhos aos nossos sucessores sem risco de confusão ou de descaminho. Ele exige também que economizemos o nosso tempo e as nossas forças a fim de reservar os lazeres úteis para a conservação do nosso equilíbrio intelectual, da nossa cultura e da nossa personalidade. ■